

Vantagem Comparativa Revelada da carne bovina brasileira

Henrique Mesquita Tonhá¹

Cleyzer Adrian da Cunha²

Alcido Elenor Wander³

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a competitividade da carne bovina brasileira no âmbito mundial com relação a seus principais concorrentes e no âmbito nacional comparando os estados brasileiros mais tradicionais na comercialização do produto com o país como um todo e com os concorrentes brasileiros, que no país apresentaram os melhores índices. Como recurso utilizou-se o índice de vantagem comparativa revelada (IVCR). O Brasil como um todo não apresentou vantagem comparativa, porém alguns estados brasileiros, em especial os da região Centro-Oeste e o estado de São Paulo, apresentaram em determinados anos analisados vantagem comparativa revelada frente à carne bovina brasileira e em alguns anos, em especial o estado do Mato Grosso do Sul apresentou-se competitivo em relação a alguns concorrentes brasileiros.

Palavras-chave: agronegócio, exportação de carne bovina, competitividade

Introdução

De acordo com os primeiros registros da atividade pecuária no Brasil, foi ainda no século XVI, a chegada dos bovinos, onde hoje se localiza o estado da Bahia, oriundos de Cabo Verde, junto a expedições de exploração de nosso território.

Na época o gado era basicamente utilizado para tração, em especial para movimentar os moinhos do engenho de cana-de-açúcar. Em face à atividade açucareira na região litorânea, o gado foi utilizado também, para expansão de novas áreas (interioranas) onde se encontravam os estados de Goiás, Minas Gerais, Pernambuco e Maranhão.

Posteriormente na região Sul do país desenvolveu-se uma atividade pecuária baseada no uso do pasto nativo para alimentação do rebanho, o crescimento dessa

atividade intensificou-se com a chegada de animais europeus melhor adaptados às regiões sulistas.

A introdução do gado zebuino (originário da Índia, apresenta alta tolerância ao calor tropical) no século XIX ocorreu com grande adaptação às regiões Sudeste e Centro-Oeste. Hoje o país possui um dos maiores rebanhos comerciais de zebuínos do planeta.

Recentemente o uso de alguns métodos tecnológicos como; uma melhor suplementação mineral, o controle melhor das pragas e parasitas, novos cruzamentos entre raças diferentes visando à formação de um rebanho mais resistente, tem contribuído fortemente para a adequação do gado às diversas regiões brasileiras criadoras o que reflete a atual pujante situação da pecuária brasileira.

1. Referencial Teórico

As fontes da vantagem global originam-se basicamente de quatro causas: vantagem comparativa convencional, economias de escala ou curvas de aprendizagem (...), vantagens decorrentes da diversificação do produto e o caráter de bem público da tecnologia e das informações do mercado:

Vantagem Comparativa: A existência de vantagem comparativa é um determinante clássico da concorrência global. Quando um país ou países possui vantagens significativas quanto ao fator custo e ao fator qualidade empregados na fabricação de um produto, esses países são locais de produção e as exportações fluem daí para outras partes do mundo. Nessas indústrias, a posição estratégica da empresa global nos países com uma vantagem comparativa é crucial para a sua posição no nível mundial (PORTER, 2004).

Inicialmente a idéia do comércio internacional se justificava baseada no que foi difundido por Adam Smith, quando um país pudesse produzir um bem com

¹Economista pela UFG

²Doutor em Economia Aplicada, Prof Adjunto II do Curso de Economia da UFG, cleyzer@face.ufg.br

³Phd em Economia Agrícola, Pesquisador da CNPAF- Embrapa, awander@cpaf.embrapa.br

menores recursos que outro, este primeiro possuía uma vantagem absoluta na produção do bem. Muito frequentemente essa é uma situação criada referente a um histórico de especialização de uma determinada economia, o que também muitas vezes não é bem verdade para produtos agrícolas que sofrem com as condições de sazonalidade em sua produção.

Adam Smith preconizou a Teoria das Vantagens Absolutas onde o produto com menor custo de produção deveria ser o foco de produção do país, enquanto aqueles com custos de produção mais elevados deveriam ser trocados com países onde os mesmos tivessem menores custos de produção. A maior questão nessa teoria é que o comércio internacional (que beneficia a todos) só se dá entre nações que possuem vantagem e desvantagem em pelo menos um produto. David Ricardo desenvolveu essa idéia com a Teoria das Vantagens Comparativas (FERNANDES, WANDER e FERREIRA, 2008).

Porém o que também precisa ser considerado em termos de comércio internacional é que deve se analisar a produtividade em termos relativos do bem que o país produz, dessa forma deve-se comparar o quanto custa produzir o mesmo bem em diferentes países. Aquele que apresentar o menor custo possui vantagem na produção do mesmo. Quando se considera a produtividade e os custos relativos, o conceito de vantagem comparativa passa a ser utilizado.

Até o passado recente, a competitividade da cadeia agroindustrial de carne bovina fundamentou-se, em grande parte, em vantagens de custos na produção agropecuária, com base em recursos naturais abundantes e poucas restrições ambientais (BUAINAIN e BATALHA, 2007:53).

Esse conceito foi desenvolvido em 1817 pelo economista inglês David Ricardo, com o intuito de provar que é vantajoso para um país sua especialização, e é assim definido por Krugman (2005, p.08), "Um país possui uma vantagem comparativa na produção de um bem se o custo de oportunidade da produção desse bem em relação aos demais é mais baixo nesse país do que nos outros".

Vantagens comparativas e absolutas não são, contudo conceitos essencialmente excludentes. O

rigor analítico para o entendimento do padrão de trocas parece sugerir a busca pelas empresas/países de vantagens absolutas no mercado internacional, motivada pela obtenção de renda extras derivada do monopólio das inovações. Já o processo de difusão internacional de novas técnicas e novos produtos, ao erodir as vantagens absolutas ajustando preços e custos, cria sustentabilidade às trocas internacionais, baseando-as em vantagem comparativa.

A explicação do padrão de trocas, depende então, da rapidez com que novos produtos e processo de produção são inseridos no mercado (revelando as vantagens absolutas) versus a rapidez com que as empresas ajustam os respectivos preços e custos (revelando as vantagens comparativas)(...)

A investigação do porquê determinados segmentos produtivos são mais eficientes ou têm melhor desempenho tecnológico em um país do que em outros privilegiou as características do mercado doméstico como determinantes daquela questão original. A taxinomia que inclui setores intensivos em tecnologia e em recursos naturais [Kelly (1987); Pavitt (1984)] serviu para Pavitt e Pitel (1988) por em evidência um conjunto de fatores, como as características de mercado, as oportunidades tecnológicas e a estrutura industrial como explicativo da competitividade internacional, entendida pela participação do país no mercado externo (GUIMARÃES, 1997).

Posteriormente em virtude dos estudos da economista húngara Bela Balassa, surgiu a Teoria da Vantagem Comparativa Revelada que relaciona, em dados pós-comércio, se determinado país ou região possui vantagem comparativa, e assim apresentando uma posição competitiva em relação a outros agentes, isso é possível através do cálculo do Índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR).

Este índice preserva os pressupostos clássicos da concorrência perfeita, dessa forma ignora barreiras comerciais, tarifas de importação, subsídios às exportações, enfim fatores exógenos a teoria clássica que afetam as exportações.

Fontes e Hidalgo (1992, 1998) *apud* FIGUEIREDO e SANTOS (2005), enquanto as vantagens comparativas refletem os fluxos comerciais, determinados pelos custos relativos de produção, sob a pressuposição de um comércio livre de intervenções, a competitividade reflete os diferenciais de preços de mercado. Dessa forma, essa competitividade incorpora diversas variáveis que influenciam os preços de

mercado, como custos de comercialização, subsídios, impostos e outras. Ao analisar a vantagem comparativa revelada, algumas limitações podem surgir devido ao protecionismo inerente às relações comerciais, como tarifas sobre importação, subsídios às exportações, poder de mercado, desalinhamento cambial e outras que, em conjunto, podem afetar os resultados da vantagem comparativa revelada. Essas limitações surgem porque a noção de vantagem comparativa revelada está interligada a fatores estruturais do processo produtivo, sendo associada de forma direta aos custos relativos de produção (FIGUEIREDO e SANTOS, 2005:11).

O índice revela, portanto, o nível das exportações de determinado país em relação a sua pauta, bem como a comparação do bem entre diferentes países. Permite também definir o padrão de especialização do país em nível internacional e interno.

A formulação do índice de vantagens comparativas, ainda apresenta-se como um bom ferramental à medida que possibilita a análise dos fatores explicativos do comércio de cada país ou região.

2. Metodologia

A fim de mensurar a existência e a evolução da vantagem comparativa da carne bovina brasileira, bem como o desempenho das exportações deste produto, este trabalho se utiliza do Índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR).

O IVCR tem como fundamentação a teoria da Vantagem Comparativa proposta e desenvolvida pelo economista David Ricardo (1817). Quanto ao título Reveladas, este foi adicionado em função de proposição da economista húngara Bela Balassa (1965), ele diz respeito à constituição do índice com base em dados pós-comércio.

O Índice é matematicamente assim definido:

$$IVCR_j = \frac{(X_{ij} / X_i)}{(X_{wj} / X_w)}$$

Onde:

X_{ij} corresponde ao valor das exportações brasileiras do produto j (carne bovina).

X_i é o valor total das exportações brasileiras.

X_{wj} corresponde ao valor das exportações mundiais/país concorrente brasileiro nas exportações do produto j (carne bovina).

X_w é o valor total das exportações do mundo/país concorrente brasileiro.

Ou:

X_{ij} o valor das exportações de um determinado estado brasileiro do produto j (carne bovina).

X_i o valor total das exportações do determinado estado brasileiro.

X_{wj} o correspondente ao valor das exportações brasileiras do produto j (carne bovina).

X_w o montante total das exportações brasileiras.

Ou ainda:

X_{ij} o valor das exportações de um determinado estado brasileiro do produto j (carne bovina).

X_i o valor total das exportações do determinado estado brasileiro.

X_{wj} o correspondente ao valor das exportações do país concorrente brasileiro do produto j (carne bovina).

X_w o montante total das exportações do concorrente brasileiro.

Quando...

IVCR < 1 – não há vantagem comparativa revelada.

IVCR > 1 – há vantagem comparativa revelada.

IVCR = 1 – não apresenta vantagem e nem desvantagem comparativa.

Para realizar o cálculo do índice, utilizou-se de dados secundários provenientes basicamente de três fontes: os dados referentes às exportações da carne bovina do Brasil e dos demais países analisados são oriundos da base da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO, 2008); quanto aos países selecionados (maiores exportadores de carne bovina em valores) o valor total de suas exportações para o mundo e as exportações totais do próprio mundo foram encontrados na base de dados da Organização Mundial do Comércio (WTO, 2008).

O período analisado (1991 – 2005) compreende os últimos quinze anos para os quais foi possível encontrar dados nas fontes acima citadas, dado que no período mais recente pode-se verificar um comércio internacional mais dinâmico, visto que as economias de uma forma geral encontram-se mais abertas.

Com relação ao cálculo do índice sob a ótica regional, os dados referentes às exportações de carne bovina (carnes desossadas de bovino, frescas ou refrigeradas e carnes desossadas de bovino congeladas) por estado e de suas respectivas exportações totais provêm da base de dados do Sistema de Análise de Informações do Comércio Exterior (ALICE, 2008) vinculado ao Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior Brasileiro, este apresenta dados para períodos mais recentes (2006, 2007 e 2008), porém para estes o cálculo é limitado devido à ausência dessas informações para os dados brasileiros em relação ao mundo.

Para determinados estados e períodos, o dado proveniente para o cálculo encontra-se indisponível no sistema, e, por isso é notado na tabela do índice como indisponível.

A escolha dos estados passa pela premissa daqueles que se encontram mais aptos a exportar, portanto exportam mais, à medida que não enfrentam sistematicamente problemas sanitários e logísticos.

3. Resultados e Discussão

3.1. A carne bovina brasileira no mundo

Há alguns anos o Brasil atingiu uma extraordinária importância no campo do agronegócio mundial. O país é líder mundial de exportações de açúcar, café, suco de

laranja e soja e recentemente assumiu a dianteira nos mercados de carne bovina e frango seguido de tradicionais concorrentes como Estados Unidos e Austrália.

Em nível mundial, de acordo com dados da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) e do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento Brasileiro (MAPA) somente Brasil (205.886.244 efetivo de grande porte em 2006) e China, que estão entre os países detentores dos cinco maiores rebanhos mundiais, aumentaram seus rebanhos nos últimos dez anos. Diferentemente do caso brasileiro, o crescimento da produção chinesa destinava-se ao abastecimento do mercado interno. Vale ressaltar também que 50% do rebanho mundial de bovinos encontram-se concentrado em cinco países: Brasil, Índia, China, Estados Unidos e Argentina.

Até 2003, o Brasil ainda não havia superado a Austrália em volume exportado. A Austrália apesar de figurar como oitavo produtor mundial de carne bovina, consegue excedentes suficientes para posicioná-la hoje como o segundo maior exportador mundial em volume do produto. Outra importante consideração diz respeito à abrupta queda do volume exportado pelos Estados Unidos a partir de 2004 devido aos surtos de EEB, (encefalopatia espongiforme bovina) a conhecida doença da vaca louca (Tabela 1).

Tabela 1: Exportação de carne bovina e vitelo dos principais países, em mil toneladas de carcaça, 2000-2006.

País	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Brasil	492	748	881	1.175	1.628	1.867	2.109
Austrália	1.338	1.399	1.366	1.264	1.394	1.413	1.459
Índia	349	370	417	439	499	627	750
Nova Zelândia	485	496	486	558	6069	589	541
EUA	1.120	1.029	1.110	1.142	209	317	523
Uruguai	236	145	262	325	410	487	510
Argentina	357	169	348	386	623	762	556
Canadá	522	573	609	383	557	551	440
UE-25	545	502	485	388	358	254	220
China	54	60	44	43	61	91	99
Outros	248	179	266	236	151	133	66
Mundo	5.746	5.670	6.274	6.339	6.496	7.091	7.273

Fonte: Mapa, 2007

De acordo com dados da FAO, no quesito exportação em valor (Tabela 2), ou seja, dólares recebidos pelas exportações, o Brasil não ocupa a primeira posição,

permanecendo não tão bem posicionado como no quesito anterior (exportação em volume).

Tabela 2: Principais exportadores de Carne bovina, em mil dólares americanos, 1999-2005.

País / Anos	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Alemanha	484.257	445.471	192.481	500.615	593.138	697.172	631.035
Espanha	228.700	203.686	111.958	148.901	216.687	2.448.444	324.972
Irlanda	274.744	195.329	115.207	152.545	170.418	198.478	215.019
Austrália	98.196	86.249	62.380	76.314	75.056	96.400	167.920
Nova Zelândia	15.713	22.608	18.249	22.691	44.911	78.946	115.669
Canadá	251.985	282.405	29.1942	259.797	122.288	51.070	79.153
EUA	300.410	416.337	362.173	368.942	475.125	22.358	43.445
Argentina	6.602	4.523	549	1.058	6.077	12.339	12.531
Brasil	269	390	603	463	577	1.601	2.049

Fonte: FAO, 2008

4.2. A competitividade da carne bovina brasileira

Nota-se com ampla facilidade que o Brasil não apresenta vantagem comparativa revelada no período analisado em relação à carne bovina mundial, apresentando ainda índices bem abaixo do que poderia ser esperado, dado que o Brasil apresenta invejável posição de exportação em volume e em valor recebido pelo produto.

Analisando o índice o que se verifica é que há alguma variação, porém tal desprezível é que se pode falar somente numa tendência, ainda bastante tímida. Em 1991, o resultado do índice é zero, a melhor performance foi encontrada nos anos de 2004 e 2005 com o resultado de 0,04, o que é ainda desprezível para avaliarmos o produto brasileiro como competitivo (Tabela 3).

Tabela 3: Índice de Vantagem Comparativa Revelada da carne bovina brasileira em relação à carne bovina mundial, 1991-2005.

Anos	IVCR
1991	0,00
1992	0,01
1993	0,01
1994	0,01
1995	0,00
1996	0,00
1997	0,00
1998	0,00
1999	0,01
2000	0,01
2001	0,03
2002	0,02
2003	0,02
2004	0,04
2005	0,04

Fonte: Elaboração dos autores com dados da FAO (2008) e WTO (2008).

Em seguida calculou-se o índice para os maiores exportadores em valor de carne bovina no mundo de acordo com informações da FAO. São eles: Argentina, Austrália, Canadá Alemanha, Irlanda, Espanha e Estados Unidos da América.

Tanto para os anos pesquisados como para os concorrentes brasileiros selecionados, a carne bovina brasileira em nenhum momento apresentou vantagem comparativa revelada. Com relação ao produto australiano, a carne bovina brasileira apresenta um resultado pífio, em nenhum momento analisado ultrapassa a fronteira de 0,01. A Austrália era até 2003 o maior exportador em volume de carne bovina do mundo, hoje perdeu essa posição para o Brasil, porém isso não interferiu na forte representação que possui em 2005, aquele país respondeu por 20% do total de carne bovina vendida no mundo (Tabela 4). Apesar de não possuir um expressivo rebanho (2% da população bovina mundial), o crescimento da posição australiana deve-se em grande parte ao espaço conquistado devido à ausência de tradicionais fornecedores em determinados momentos.

Com relação ao índice frente à carne bovina canadense, a partir de 2002 pode-se atribuir a ligeira elevação no índice ao crescimento das exportações do produto brasileiro e a simultânea queda nas exportações canadenses em razão da EEB (encefalopatia espongiforme bovina) surgida em seu rebanho (Tabela 4).

Tabela 4: Índice de Vantagem Comparativa Revelada da carne bovina brasileira em relação à carne bovina de países selecionados, 1991-2005.

Anos	IVCR						
	Argentina	Australiana	Canadense	Alemã	Irlandesa	Espanhola	Estadunidense
1991	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
1992	0,08	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00	0,02
1993	0,03	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00	0,02
1994	0,01	0,00	0,01	0,00	0,00	0,01	0,02
1995	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
1996	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
1997	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
1998	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01
1999	0,02	0,00	0,01	0,01	0,00	0,00	0,01
2000	0,04	0,01	0,01	0,01	0,00	0,00	0,01
2001	0,50	0,01	0,01	0,02	0,01	0,01	0,02
2002	0,19	0,01	0,01	0,01	0,00	0,01	0,01
2003	0,04	0,01	0,02	0,01	0,00	0,01	0,01
2004	0,05	0,01	0,10	0,02	0,01	0,01	0,61
2005	0,06	0,01	0,08	0,03	0,01	0,01	0,36

Fonte: Elaboração dos autores com dados da FAO (2008) e WTO (2008).

Já o resultado do índice relativo aos Estados Unidos nos anos de 2004 e 2005 mostra um melhor resultado quanto à posição brasileira. Ocorre que esse resultado não provém exatamente de mérito brasileiro, mas de casos de EEB (encefalopatia espongiforme bovina) que acometeram uma parte do rebanho norte-americano e impactou negativamente nos fluxos de exportação do país. Felizmente para a tranquilidade da indústria de carne norte-americana, um acordo de comércio bilateral firmado em 2004, normalizou as importações japonesas do produto americano, assim que foram restabelecidas as condições de produção da carne e a mesma declarada sã. Dado que os principais mercados da carne norte-americana são o Canadá, Coréia do Sul e Japão, esse acordo foi de extrema importância para revigorar a posição dos Estados Unidos no ranking mundial.

O que o índice mostra é que nos períodos analisados a situação é de predominância de existência de vantagem comparativa revelada para os estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul relativa às exportações da carne bovina nacionalmente. Podemos inferir que nesse intervalo de tempo o estado de Mato Grosso do Sul destaca-se frente aos outros dois por alcançar índices sustentavelmente maiores.

Algumas abruptas variações do índice podem ser atribuídas ao fato de que em determinados anos foram registrados focos de febre aftosa no rebanho do estado como, por exemplo, é o caso de Mato-Grosso em 1996. Em 1995 o índice alcançou 9,67, e no ano seguinte caiu para 0,34, e em 1997 teve uma forte ascensão para 11,71, o resultado de 1998 pode ser entendido como um sinal de tranquilidade que os clientes do produto mato-grossense viram para adquirir o produto (Tabela 5).

Tabela 5: Índice de vantagem comparativa da carne bovina de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro em relação à carne bovina brasileira, 1991-2005.

Anos	IVCR				
	Goiana	Mato-grossense	Mato-grossense-do-sul	Paulista	Carioca
1991	94,20	1,05	3,80	24,21	0,24
1992	1,14	0,44	0,25	0,49	indisponível
1993	0,34	0,08	0,51	0,46	indisponível
1994	0,21	0,23	0,15	0,24	indisponível
1995	indisponível	9,67	34,75	9,16	indisponível
1996	27,40	0,34	76,23	10,12	0,59
1997	35,82	11,71	5,84	7,84	indisponível
1998	23,39	20,51	32,32	2,79	indisponível
1999	16,76	10,65	23,50	2,74	0,00
2000	9,09	4,08	23,80	2,21	0,04
2001	13,13	3,29	59,03	1,80	0,02
2002	13,38	3,44	15,78	3,46	0,01
2003	11,25	4,27	14,82	4,38	0,00
2004	7,41	1,71	11,06	2,59	0,00
2005	7,74	2,47	14,35	2,06	0,02

Fonte: Elaboração própria com dados da FAO (2008), WTO (2008) e ALICE (2008).

A abrupta queda no índice do estado de Mato Grosso do Sul em 1997, por exemplo, pode ser atribuída ao foco de febre aftosa, detectado num importante município pecuarista do estado, haja vista que há cerca de três anos não era encontrado nenhum indício da doença no estado.

Os prejuízos causados pela febre aftosa aparecem sob a forma de queda na produtividade, perda de mercados, custos públicos e privados de prevenção, controle, erradicação e indenização de animais sacrificados. Os prejuízos também se devem a despesas para se retornar o status de área livre da doença conforme regras da OIE (BUAINAIN e BATALHA, 2007:62).

O estado de São Paulo alcançou números satisfatórios o que permite concluir que no período analisado, excetuando os anos de 1992, 1993 e 1994, o estado obteve vantagem comparativa revelada para sua carne bovina. O mesmo não pode ser dito para seu vizinho, o estado do Rio de Janeiro, em nenhum dos anos em que foi possível concluir o cálculo do índice alcançou valores superior a uma unidade, e por isso não apresentou vantagem comparativa.

A Tabela 6 expõe a continuação do resultado para os outros dois estados da região sudeste (Minas Gerais e Espírito Santo) e para os estados da região sul brasileira.

Tabela 6: Índice de vantagem comparativa da carne bovina de Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul em relação à carne bovina brasileira, 1991-2005.

Anos	IVCR				
	Mineira	Capixaba	Paranaense	Catarinense	Gaúcha
1991	3,11	3,03	12,67	2,32	17,35
1992	0,01	0,06	0,20	indisponível	0,12
1993	0,03	0,06	0,22	indisponível	0,29
1994	0,02	0,02	0,05	indisponível	0,21
1995	0,35	2,10	0,98	0,01	8,27
1996	1,80	7,87	16,78	0,13	15,57
1997	0,15	1,86	3,20	0,01	1,40
1998	0,11	0,58	0,98	0,00	0,62
1999	0,27	0,45	1,39	0,00	0,85
2000	0,39	0,30	0,96	0,00	0,73
2001	0,46	0,13	0,78	0,04	0,20
2002	0,25	0,17	1,07	0,03	0,32
2003	0,34	0,12	1,09	0,05	0,70
2004	0,27	0,12	0,65	0,07	0,39
2005	0,39	0,39	0,45	0,14	0,59

Fonte: Elaboração própria com dados da FAO (2008), WTO (2008) e ALICE (2008).

Tanto a carne bovina mineira como a capixaba não apresentaram em geral vantagem comparativa revelada, apresentando índices bem inferiores quando comparados aos estados anteriormente avaliados.

Os estados da região sul do Brasil apresentaram em geral índices menores que um, durante os anos de 1991 a 2005, mostrando que a comercialização internacional de carne bovina por parte desses estados não é umas de suas melhores habilidades. A principal negação do destaque fica por conta do estado de Santa Catarina dado que no período analisado somente em 1991 alcançou um índice acima de uma unidade com os modestos 2,32.

Dado o resultado do índice, nessa situação pode-se revelar que o estado do Mato Grosso do Sul, em geral,

Tabela 7: Índice de vantagem comparativa da carne bovina goiana, mato-grossense, mato-grossense-do-sul e paulista em relação à carne bovina argentina, 1991-2005.

Anos	IVCR			
	Goiana	Mato-grossense	Mato-grossense-do-sul	Paulista
1991	0,16	0,04	0,01	0,04
1992	0,10	0,04	0,02	0,04
1993	0,01	0,00	0,02	0,01
1994	0,00	0,00	0,00	0,00
1995	indisponível	0,00	0,00	0,00
1996	0,00	0,00	0,01	0,00
1997	0,03	0,01	0,03	0,01
1998	0,20	0,06	0,28	0,02
1999	0,33	0,21	0,47	0,05
2000	0,37	0,17	0,98	0,09
2001	6,57	1,65	29,53	0,90
2002	2,48	0,64	2,93	0,64
2003	0,43	0,16	0,57	0,17
2004	0,34	0,08	0,51	0,12
2005	0,43	0,14	0,80	0,11

Fonte: Elaboração própria com dados da FAO (2008), WTO (2008) e ALICE (2008).

A Tabela 8 mostra que em geral nenhum dos estados alcançou um resultado sustentado em relação à carne bovina canadense, e novamente se há de citar um

não alcançou a vantagem comparativa frente à Argentina, mas possui uma “vantagem” em relação aos outros estados analisados. Isso porque em comparação aos demais o Mato Grosso do Sul foi o estado que alcançou frente à carne argentina os melhores índices no período (Tabela 7). Os estados de Mato Grosso e São Paulo em nenhum momento atingiram vantagem comparativa em relação ao produto argentino.

O resultado mostra que esses estados não estão em boas condições reveladas quando comparado ao mercado de exportação do produto canadense. Haja vista que em nenhum dos anos analisados o índice foi superior a uma unidade para os estados de Goiás, Mato Grosso e São Paulo.

estado que apresentou um resultado mais exuberante, o Mato Grosso do Sul pode sê-lo.

Tabela 8: Índice de vantagem comparativa da carne bovina goiana, mato-grossense, mato-grossense-do-sul e paulista em relação à carne bovina canadense, 1991-2005.

Anos	IVCR			
	Goiana	Mato-grossense	Mato-grossense-do-sul	Paulista
1991	0,08	0,00	0,00	0,02
1992	0,01	0,00	0,00	0,00
1993	0,00	0,00	0,00	0,00
1994	0,00	0,00	0,00	0,00
1995	indisponível	0,00	0,01	0,00
1996	0,00	0,00	0,01	0,00
1997	0,02	0,01	0,02	0,01
1998	0,06	0,05	0,08	0,01
1999	0,09	0,06	0,12	0,01
2000	0,06	0,03	0,16	0,02
2001	0,12	0,03	0,54	0,02
2002	0,10	0,03	0,12	0,03
2003	0,20	0,03	0,26	0,08
2004	0,76	0,18	1,14	0,27
2005	0,61	0,19	1,13	0,16

Fonte: Elaboração própria com dados da FAO (2008), WTO (2008) e ALICE (2008).

A posição de São Paulo e Mato Grosso do Sul (Tabela 9) também deixa a desejar, a ressalva positiva fica por conta dos anos de 2004 e 2005, em que a carne do Sul-Mato-Grossense alcançou índices mais satisfatórios. Nesses anos esse estado e Goiás apresentaram um considerável crescimento em relação aos resultados dos anos anteriores fruto de uma importante elevação

nos valores de exportação desses estados em relação aos anos anteriores. A exportação de carne bovina de Goiás cresceu em valor 77% em 2004 em relação a 2003 e 40% em 2005 em relação a 2004. Mato Grosso do Sul acompanhando também essa tendência teve crescimentos da ordem de 100% em 2004 com relação a 2003, e 140% em 2005 com relação a 2004.

Tabela 9: Índice de vantagem comparativa da carne bovina goiana, mato-grossense, mato-grossense-do-sul e paulista em relação à carne bovina estadunidense, 1991-2005.

Anos	IVCR			
	Goiana	Mato-grossense	Mato-grossense-do-sul	Paulista
1991	0,05	0,01	0,00	0,00
1992	0,02	0,01	0,00	0,01
1993	0,01	0,00	0,01	0,01
1994	0,00	0,01	0,01	0,01
1995	indisponível	0,00	0,02	0,00
1996	0,01	0,00	0,03	0,00
1997	0,08	0,03	0,08	0,02
1998	0,19	0,17	0,27	0,02
1999	0,22	0,14	0,30	0,04
2000	0,12	0,05	0,32	0,03
2001	0,27	0,07	1,23	0,04
2002	0,19	0,05	0,23	0,05
2003	0,14	0,05	0,18	0,05
2004	4,49	1,04	6,70	1,57
2005	2,79	0,89	5,16	0,74

Fonte: Elaboração própria com dados da FAO (2008), WTO (2008) e ALICE (2008).

Um ponto em comum dos estados analisados refere-se ao intervalo de 1994 a 1998, tanto na análise nacional

como em relação aos concorrentes brasileiros, o recuo do índice nesses primeiros anos do Plano Real observa-

se uma moeda nacional valorizada, ocorrendo aí um aumento do consumo interno o que acarretou numa redução da quantidade exportada do produto.

4. Considerações Finais

Diante dos resultados observados nota-se que uma possível posição competitiva apresentada pela carne bovina brasileira, dado o grande volume exportado do bem e sua boa posição frente aos demais países, não se realiza. No período analisado o que pode se constatar é que todo esse “volume” não é traduzido em competitividade para o produto brasileiro em relação ao mundo e seus principais concorrentes.

Ao analisar o resultado do índice para os estados brasileiros mais aptos a exportar carne bovina verificou-se que os estados do Centro-Oeste, o estado de São Paulo e em raros anos analisados o estado do Paraná e Rio Grande do Sul apresentaram vantagem comparativa revelada de seu produto em relação às exportações nacionais. Quando analisadas as exportações dos estados do Centro-Oeste e do estado de São Paulo em relação a alguns concorrentes brasileiros, verifica-se que estes não lograram, em geral, uma posição competitiva, ressalva para os últimos anos do período analisado em que se alcançou um índice satisfatório para alguns concorrentes, em especial o estado de Mato Grosso do Sul que deve se firmar como forte exportador brasileiro de carne bovina.

5. Referências

Batalha, Mário O.; Da Silva, Andrea L. Gerenciamento de sistemas agroindustriais: definições, especificidades e correntes metodológicas. In: Batalha, Mário Otávio; Gestão Agroindustrial: 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2007. 770 p.

Buainain, Antônio Márcio; Batalha, Mário Otávio. Série Agronegócios: Cadeia Produtiva da Carne Bovina/ Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Secretaria de Política Agrícola, Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura: MAPA/SPA, 2007 86 p.

Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Disponível em <<http://www.cna.org.br>>. Acesso em 11 set. 2008.

Fernandes, S.M.; Wander, A.E.; Ferreira, C.M. Análise da competitividade do arroz brasileiro: vantagem comparativa revelada. Goiás, 2008, 11 p. XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2008, Rio Branco.

Figueiredo, A.M.; Santos, M.L. Evolução das vantagens comparativas do Brasil no comércio mundial da soja. Revista de Política Agrícola, n. 5, p. 9-16, 2005.

Food and Agriculture Organization (FAO). Disponível em <<http://faostat.fao.org>>. Acesso em 19 set. 2008.

Guimarães, Edson P. Evolução das teorias do comércio internacional, 1997, 19p. Estudos em comércio exterior. (Curso de Pós-Graduação em Comércio Exterior). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. v.1, nº 2 – jan/jun, 1997.

Hidalgo, Álvaro Barrates. Vantagem Comparativa e recursos naturais no comércio exterior do Nordeste Brasileiro. In: _____ O Agronegócio Brasileiro: Desafios e Perspectivas – Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural. Brasília: Sober, 1998. 265 a 279 p.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/ppm/2006/default.shtm>>. Acesso em 27 ago. 2008.

Krugman, Paul R.; Obstfeld, Maurice. Economia Internacional: Teoria e Política. 6ª ed. São Paulo: Pearson, 2004, 558 p.

Macedo, Luís Otávio Baú. Investigação dos determinantes da rentabilidade das exportações de carne bovina brasileira no período 1995 a 2006, Informações Econômicas, São Paulo, v. 37, n. 5, maio 2007. p.42-49.

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Disponível em <<http://www.agricultura.gov.br>>. Acesso em 20 set. 2008.

Nonnenberg, Marcelo J.B. Vantagens Comparativas Reveladas, Custo Relativo de Fatores e Intensidade de Recursos Naturais: Resultados para o Brasil – 1980-88, Instituto de Pesquisas Econômica Aplicada – IPEA, Brasília, abril 1991.

Pitelli, Mariusa M.; Moraes, Márcia A. F. Dias de. Análise do impacto das variações institucionais européias sobre a governança do sistema agroindustrial brasileiro da carne bovina. Scielo, Brasília, v. 44, n. 1, 11 p. jan/mar. 2006.

Porter, M. E. Estratégia Competitiva: Técnicas para análise de indústrias e da concorrência. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, 400 p.

Seibel, Felipe. O novo salto do agronegócio: Anuário Exame – Agonegócio 2007-2008, São Paulo, Junho/2007, p.14-21.

Serviço de Informação da Carne (SIC). Disponível em

<<http://www.sic.org.br/producao.asp>>. Acesso em 15 ago. 2008.

Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior (ALICE – WEB). Disponível em <<http://aliceweb.desenvolvimento.org.br>>. Acesso em 20 set. 2008.

Souza, Maurício Jorge P. de; Ilha, Adayr S. da. Índice de Vantagem Comparativa Revelada e de Orientação regional para alguns produtos do agronegócio brasileiro no período de 1992 a 2002. Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em:<<http://www.ufsm.br/mila/adayr/publicações/científicos/vantagemcomparativa.pdf>>. Acesso em 15 set. 2008.

Wiazowski, Boris Alessandro. Cadeia produtiva de bovina de corte: Uma análise sistêmica de sua competitividade. 2002. 26 f. Monografia (Especialização em Gestão da Informação no Agronegócio). Universidade Federal de Juiz de Fora, São Paulo, 2002.

World Trade Organization (WTO). Disponível em <<http://www.wto.org>>. Acesso em 19 set. 2008.